

# 1 Introdução

Disse o poeta português que “todo começo é involuntário”. A afirmação é sugestiva, mas passível de interpretações diversas. Seja como for, posso dizer que o involuntário começo deste *Konstandinos Kavafis e o Mundo Greco-Romano* foram os seguintes versos do poeta alexandrino: “*Más tarde em la sociedad más perfecta,/ algún outro, hecho yo,/ ciertamente surgirá, actuará libremente*”, que estavam, exatamente, traduzidos para o castelhano, pois lera, por acaso, em um jornal espanhol “[...]de cujo nome [e contexto] não quero lembrar-me [...]”<sup>1</sup> – parafraseando Miguel de Cervantes. Os versos foram fortes e me marcaram profundamente. O interesse estava despertado e acabou conduzindo-me ao Kavafis histórico.

Em outro ponto, os domínios da história antiga e medieval sempre me fascinaram, com especial destaque para a beleza e os valores, tão atuais, contidos na tradição grega. A quantidade de temas mitológicos, helenísticos, romanos e bizantinos – que aqui consideramos sob o termo de “greco-romano” – presentes na obra de Kavafis, logo fizeram com que atentasse para a grandeza da reinvenção poética e histórica que o poeta de Alexandria realizara. Estava diante de mim a possibilidade de estudar a Antiguidade, através de uma abordagem que, até onde sei, pouco fora feita. Por tal, considero que estas linhas inserem-se, sobretudo, nas searas da história antiga, ainda que eu esteja a tratar de um autor contemporâneo e que, muitas vezes, fui levado a abordar outras épocas. Em todo caso, acredito que um dos cernes da minha reflexão situe-se na importância da civilização greco-romana para as formas de apreensão da história.

Durante a pesquisa, Kavafis fez com que percebesse que a história da Grécia não para abruptamente na batalha de Actium ou em qualquer outro acontecimento similar. Ela transforma-se, modifica-se, como qualquer outro elemento vivo que se dá dentro do tempo. Isso fez com que visse a história da Grécia não como rupturas que não se interligam, mas sim como um *continuum*; que se materializa

---

<sup>1</sup> CERVANTES, Miguel: **D. Quixote de La Mancha**. Tradução de António Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc. Editores, 1960. p. 11

em uma mesma língua, que se plasmou ao longo dos séculos: esse princípio, de um *continuum* helênico, fez-se presente durante toda a redação.

No primeiro capítulo pretendo definir – consciente de todas as deficiências, decorrentes das grandes dificuldades desse intuito – os principais aspectos do mundo greco-romano que estão na obra de Kavafis. Para isso, teço uma relação entre alguns dos poemas kavafianos e os períodos históricos que daí emergem. O critério de seleção desses poemas foi o de possibilitar, em grau maior, o estudo das épocas sobre as quais dissertam. Assim sendo, tentei compreender o lugar dos fatos e personagens dentro da trama da história e como Kavafis dialoga com todos esses elementos. No final do primeiro capítulo, pretendo ter, de alguma forma, sintetizado e definido, em linhas gerais, quais foram os conteúdos da história greco-romana que mais foram apropriados por Kavafis.

No segundo capítulo, adentrei a temporalidade do próprio Kavafis. Visto que se trata de um trabalho de história, não poderia alienar a obra e o homem do tempo no qual existiram: pois, um dos pilares da história é considerar que o Homem é um agente transformador, mas, também, que toda experiência humana ocorre dentro da temporalidade, posto que seja para contestá-la. Os Homens estão sempre em debate com seus mortos, apesar de, frequentemente, não se darem conta disso; ambos transformam-se incessante e mutuamente. Dessa maneira, tentei mostrar algumas questões históricas do povo grego, que se espalhava pela bacia do Mediterrâneo; da mesma forma que da cidade de Alexandria, com sua colônia grega, e do homem Kavafis poeta, alexandrino, grego da diáspora, com raízes fanariotas. Mais do que oferecer uma nova interpretação – a partir de um exame exaustivo da documentação e dos debates historiográficos, o que fugiria da proposta destas linhas – meu objetivo foi estabelecer um quadro que possibilitasse ao leitor vislumbrar o mundo e as questões que cercavam o poeta. Se lícita é a expressão, diria que o segundo capítulo aproxima-se mais de um quadro impressionista que tenta - plenamente, consciente de suas falhas – aproximar-nos, nós, filhos do presente, de um “país estrangeiro”, isto é: o passado. O estranhamento que nos causam as diferenças é que me instigou na busca desse tempo.

No terceiro e último capítulo, dediquei-me a refletir mais diretamente sobre a ideia de história em Konstandinos Kavafis. Acredito que o poeta alexandrino

possuía uma visão de história que se aproximava do antigo *topos* da *historia magistra vitae*, o que pode ser depreendido de seus poemas. Talvez um dos traços que mais religue Kavafis à tradição greco-romana.

Alguns esclarecimentos se fazem necessários: a tradução dos poemas de Kavafis, que aqui foi adotada, foi a de Ísis Borges da Fonseca, visto ser a única publicada, até o dia de hoje, no Brasil, que reagrupa os 154 poemas canônicos do bardo de Alexandria. Todos os títulos originais das poesias de Kavafis vieram ao lado dos títulos traduzidos, pois, frequentemente, esses variam conforme cada tradutor, o que pode dificultar a localização dos poemas. Por exemplo: o poema, *Απολείπειν ο θεός Αντώνιον*, é traduzido por Ísis Borges da Fonseca como: ...*Que o deus abandonava Antônio*; já por José Paulo Paes: *O deus abandona Antônio*. Assim sendo, com o intuito de facilitar quem vier a se interessar em localizar os poemas, achei que seria útil para o leitor sempre fornecer o título original em grego. Quando foi preciso citar algum dos poemas não canônicos, recorri à tradução em castelhano do professor Miguel Castillo Didier, da Universidade do Chile. Mas, quando citei a versão em castelhano – para não interromper a fluência da leitura em português – tomei a liberdade de seguir o padrão das demais citações com mais de três linhas e em língua estrangeira. Essas aparecem no corpo do texto em tradução minha, com a devida indicação de “a tradução é nossa”. Obviamente, nenhuma dessas traduções que realizei de próprio punho pretende algo além de uniformizar o texto.

É importante ainda ressaltar que a grafia do nome de Konstandinos Kavafis (Κωνσταντίνος Καβάφης) encontra diversas variantes na transcrição/transliteração para o alfabeto latino. Além disso, o próprio poeta, quando assinava em alfabeto latino, fazia uso da grafia “Cavafy”, que fora o nome da companhia de comércio de seu pai. Tal grafia foi também adotada pelos herdeiros de Kavafis, na primeira e póstuma edição dos 154 poemas canônicos. Todos esses fatores fazem com que a escolha por uma grafia se torne ainda mais difícil. Uma das possibilidades seria: “Konstandínos Kaváfis”. A manutenção dos acentos – o que se dá no original em grego – facilitaria o leitor a não errar nas sílabas tônicas. Esta seria a minha proposta, certamente com vantagens e desvantagens. Mas prefiro não enveredar por esses domínios – o que, diga-se de passagem, escaparia do âmbito das minhas

competências – e, por esse motivo, não adotei o acento sobre o nome e sobrenome do poeta.

Achei por bem escolher a grafia que mais se aproximava do meu ponto de vista, dentre aquelas já presentes nas traduções da obra kavafiana para a língua portuguesa. Ora, fora esse pequeno detalhe de acentuação gráfica, compartilho os argumentos elencados por Joaquim Manuel Magalhães e Nikos Pratsinis – sem sombra de dúvida argumentação muito mais abalizada do que qualquer uma que eu viesse a aventar. Por tudo isso, adotei ao longo do texto a grafia “Konstandinos Kavafis”, seguindo a proposição de Magalhães e Pratsinis. Escutemos a explicação dos tradutores supracitados:

“Quanto ao t do nome, que está grafado em grego, transcrevemo-lo obrigatoriamente como d devido ao envolvimento fonético. E não vemos qualquer razão para chamar-lhe o romano Constantino por sermos dos que não consideram avisado chamar Guilherme a Shakespeare, por exemplo”<sup>2</sup>

Já a letra “c” é inexistente no alfabeto grego, assim sendo há quem faça a correspondência do “k” para o “c”, visto que o “c” está dentro da tradição vernácula dos idiomas neolatinos, como o francês, o português, o espanhol, o italiano e o romeno, por exemplo. Mas achamos que a grafia com “k” é mais próxima do nome original do autor. Além do mais, a letra “k” é principalmente circunscrita a nomes próprios e a palavras de origem estrangeira presentes na língua portuguesa, logo o nome do poeta pode constar perfeitamente nesse grupo. Em grego moderno as letras “κτ”, quando juntas, produzem um som nasalado de “d”, daí a pronúncia “Konstandinos”.

Entretanto, por fidelidade às obras consultadas, mantive as grafias adotadas pelos respectivos tradutores ou organizadores, quando fizemos uso de seus trabalhos. Desse modo, *verbi gratia*, ao citar o ensaio de Marguerite Yourcenar, a respectiva referência bibliográfica preservará a escolha da escritora francesa: Cavafy e não Kavafis, como aparece no corpo do texto. ■

---

<sup>2</sup> MAGALHÃES, Joaquim Manuel e PRATSINIS, Nikos: Prefácio in KAVAFIS, Konstandinos: **Os Poemas**, 2005. p.p 24